ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17625 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GE Corpo e Educação

ESTAR NO CARIMBÓ: MEMÓRIAS E SABERES PELA DANÇA EXPRESSIVA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Luciana Azevedo Rodrigues - Universidade Federal de Lavras
Alana Letra Martins - UFLA - Universidade Federal de Lavras

ESTAR NO CARIMBÓ: MEMÓRIAS E SABERES PELA DANÇA EXPRESSIVA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Em tempos que a floresta amazônica e os povos que a protegem têm sido ameaçados pelo total extermínio, entendemos que as pesquisas no campo educacional e de formação de professores e professoras dentro da Universidade Pública devem se voltar para esse lugar, compreendendo-o em interação com diferentes lugares que se habita. Com esta pesquisa visamos a realização de um estudo prático-teórico do Carimbó, que é uma dança folclórica e típica da cultura amazônica, que surgiu a partir do cruzamento de diversos elementos da cultura africana, indígena e portuguesa. O Carimbó, cujo nome vem do instrumento musical tocado na dança e feito a partir de um tronco de árvore oco, é expressão da cultura amazônica paraense e Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

O estudo do carimbó tem sido fundamentado nos princípios de harmonia espacial desenvolvidos pelo arquiteto, dançarino e coreógrafo, precursor da chamada “Dança-Teatro”, Rudolf Laban. Mediante o estudo do espaço dessas harmonias em dupla, em associação com as músicas do carimbó e no diálogo entre estudante e docente, foi possível promover o despertar de memórias afetivas de uma estudante originária da Ilha do Marajó e compor mapas de movimento expressivo. Este trabalho integra um projeto mais amplo que envolve ensino, pesquisa e extensão tem sido realizado dentro de uma Universidade pública visando experimentar a dança como uma linguagem capaz de promover uma educação reconectada com o ritmo do coração da terra, tal como propõe Ailton Krenak. Nesse horizonte, as experimentações corporais foram tecidas de diálogos feitos de memórias e do estudo de alguns conceitos filosóficos oriundos dos pensadores Christoph Türcke e Ailton Krenak.

No que se refere às reflexões de Christoph Türcke, observamos sua crítica sobre a dinâmica social do capital, o qual produz uma lógica que desenraiza as gentes de suas terras e os laços tornam-se cada vez mais volúveis. Ele também aponta em suas reflexões que a nossa percepção e valorização daquilo que irradia de nós mesmos presencialmente assim com do que irradia de outrem é considerado cada vez mais desinteressante. Foi notável parar para pensar como nosso olhar tem sido condicionado a voltar-se para o entorno somente em momentos críticos, quando para sobreviver nossa existência necessita dele. Deste modo, o filósofo aborda como nós não temos percebido mais as sutilezas, o que envolve as mudanças do nosso entorno. O que nos levou a considerar como isso reverbera no anestesiamento da percepção face ao entorno natural e suas sutis mudanças. A respeito disso, as considerações de Krenak significaram uma grande contribuição, visto que ele nos apontou como a riqueza da vida das gentes da floresta pode ser um caminho para resistir ao processo de espetacularização do existente por meio das telas digitais. Ele nos ensinou que a relação com o meio em que vivemos não deve se pautar exclusivamente pela objetificação da natureza e com o fato de só querermos extrair dela apenas o lucro e não se reconectar com nossa Mãe Terra.

Já no que diz respeito à experimentação corporal, podemos destacar três principais atividades: a experimentação das harmonias espaciais, a escuta das músicas e os diálogos entre docente e estudante que articulavam o presente partilhado e as memórias da estudante. Em relação a experimentação, realizamos por meio de encontros nos quais buscamos a impregnação com a música, mediante a experimentação da escala dimensional labaniana e dos planos vertical, horizontal e sagital de modo a sentir o entorno e perceber o local onde estávamos pisando, o espaço que estávamos ocupando, o ar que estávamos respirando, enfim exercitando um momento de reconexão com os arredores, de olhar atento para o próprio corpo, uma para a outra e visto que são coisas que não percebemos de modo consciente na vida cotidiana subordinada a lógica capitalista atual.

Quanto às músicas do carimbó, escolhemos a artista Dona Onete que foi professora de História durante boa parte de sua vida e, hoje, é uma das maiores cantoras desse gênero. De D. Onete trabalhamos com as músicas “No meio do Pitiú” e “Boto namorador”. Outro artista foi o Mestre Verequete, de quem trabalhamos a música “Ilha de Marajó”. Em ambos os casos, ouvimos e dançamos livremente com a saia do carimbó, valorizando as músicas como condensados de uma cultura poderosa. As letras das músicas, relacionadas a coisas que foram rememoradas pela estudante, como por exemplo a história dos pescadores, as lendas locais, os saberes tradicionais, a valorização da região, etc., desencadearam diálogos nos quais a docente aprendia com a estudante, reconhecia algumas afinidades/desafinidades culturais e idiossincráticos enquanto a estudante aprendia com a docente acerca dos princípios de dança criativa em Laban em especial relacionados a tridimensionalidade espacial e a sua escala dimensional. Nesses termos, as músicas articuladas à memória, à imaginação, a concepção labaniana de harmonia espacial e as reflexões filosóficas sobre desterritorialização das pessoas do seu próprio entorno e de seus próprios corpos impulsionaram a criação e a

improvisação de movimentos corporais. Essas práticas dançantes resultaram em mapas coreográficos que foram apresentadas em algumas ocasiões. Mas além disso, todo este processo proporcionou a compreensão da potência do carimbó de valorizar a relação das pessoas com o seu próprio entorno, e de restituir a percepção da vida onde vivemos, sensibilizando-nos a encontrar as nossas próprias danças, juntamente com as condições disponibilizadas.

No que se refere às memórias, estiveram vinculadas a dois espaços, que são o Pará e a cidade em que este projeto tem se realizado. Uma das principais lembranças rememoradas pela estudante foi do interior da casa dos seus avós, situada na beira de um rio chamado Tatauateua. Devido ao fato de serem ribeirinhos/as, os rios fazem parte de suas vidas, para praticamente todas as coisas que fazem. Por exemplo, tomar banho neles toda tarde depois dos trabalhos cotidianos. A partir destas lembranças, a estudante destacou a relação que mantinha com as demais pessoas que compartilhava estas experiências e buscamos trazer estas sensações para a composição e para nossas experimentações em dança.

Foi uma oportunidade de olhar para a universidade com outra perspectiva, tivemos a chance de experimentá-la para além da sala de aula, para além do imediatamente útil. Isso se tornou possível em contraste com o modelo educacional baseado apenas em grade curricular. Isso nos levou a perceber mais claramente que os espaços das escolas e das universidades não estão sendo utilizados em sua multiplicidade e riqueza.

Por fim, ao considerarmos o panorama educacional onde vivemos, ficou perceptível a relevância destes aspectos para uma formação docente que valorize a Terra, os corpos e os seres que nela habitam. Assim, como docente e estudante podemos afirmar junto com o Carimbó, com Krenak, com Türcke, D. Onete/Verequete as diversidades e a beleza de poder viver o contato efetivo com o corpo e o lugar que habitamos.

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2022.

LABAN. Rudolf. Dança educativa moderna. São Paulo: Ícone, 1990.

SASTRE, C. LABIRINTO LABAN. Cena, [S. l.], n. 32, p. 233–245, 2020. DOI: 10.22456/2236-3254.104833. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/104833. Acesso em: 6 jul. 2023.

TÜRCKE, Christoph. Sociedade Excitada: filosofia da sensação. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

TÜRCKE, Christoph. Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2016.